

UMA HISTÓRIA COM FUTURO

Com praticamente dois séculos de existência, a Leitão & Irmão é um dos mais reputados joalheiros portugueses, sendo várias as suas criações que ficaram para a história. Uma casa que o Clube Naval de Cascais se orgulha de ter como parceiro, e em que tradição e as mais remotas técnicas de fabrico se aliam a uma visão ampla e vanguardista, bem patente tanto nas obras que saem das suas oficinas de manufactura, que a Hippocampus teve o privilégio raro de visitar

Fotos: JOÃO ALCOBIA e LEITÃO & IRMÃO

“**L**eitão & Irmão – Antigos Joalheiros da Coroa”. Um nome que, à partida, parece dizer tudo. Mas não diz... Como tantas vezes acontece, nem sempre o que parece é, e o que se não vê pode ser tanto, ou mais, importante do que aquilo que é mais evidente. No caso em apreço, a toda a tradição inerente a um dos mais reputados joalheiros portugueses, e que (justamente) se intui da sua designação comercial, alia-se um, porventura menos óbvio e visível

num primeiro olhar, foco permanente no futuro, no progresso, na modernidade e na inovação. E nos mais variados domínios – da concepção e realização do produto final à gestão, passando pelos próprios canais de distribuição.

Mas nada melhor do que começar pelo princípio. As origens da Leitão & Irmão, parceiro do Clube Naval de Cascais, remontam a 1822, quando José Pinto Leitão, casado em 1837 com a única filha de José Teixeira da

Trindade – destacado cidadão nascido no Porto, em 1786, e ligado ao comércio com o Brasil e ao negócio do ouro, que manteve estreitas ligações com a indústria da ourivesaria –, registou o punção (marca pessoal de fabrico) “JPL” e abriu o seu negócio na Rua das Flores, o clássico arruamento dos ourives da Invicta. O enlace seria decisivo para o desenvolvimento da Casa Leitão, que era, então, assim definida, e no português da altura: “...o typo do estabelecimento d’aquella época era





a loja-officina, em que o oficial trabalhava à vista do freguez, junto do «caixão», o balcão de venda ao lado. O artigo typico produzido era o «coração», a arrecada, o cordão, as peças que no norte se levavam à festa, à missa cantada, ao arraial...”.

Já em 1876 a casa destacava-se no panorama nacional da ourivesaria. Narciso e Olindo, filhos do fundador, dão continuidade ao negócio e adoptam a designação de Leitão & Irmão, ao mesmo tempo que modernizam o fabrico, trazendo novos materiais e investindo em maquinaria. Não deixam, ainda, de expandir-se para o exterior, abrindo filiais em Paris e Londres, e desenvolvendo uma

importante rede de contactos.

Se a ligação entre a Coroa e a casa Leitão tem origem no cerco do Porto (1832/1833), onde José Teixeira da Trindade estabelece relações particulares com D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil, é em 1872 que D. Pedro II, Imperador do Brasil, concede à Leitão & Irmão o título de “Ourives da Casa Imperial do Brasil”. Cinco anos volvidos, abre na zona cosmopolita do Chiado a loja de Lisboa, com Narciso e José Leitão a desenvolverem a sua actividade na capital do reino, beneficiando da proximidade da corte.

Neste período, os dois irmãos empreendem o projecto artístico de restaurar as tradições

da ourivesaria portuguesa, marcando a respectiva renovação na segunda metade do século XIX. Registam, no ano seguinte, na contrastaria de Lisboa, a marca de fabricação da Leitão & Irmão, composta pela figura feminina de uma esfinge a encimar a letra “L”, da qual ainda hoje se faz uso, e que é a mais antiga em vigor nas contrastarias portuguesas, instituídas nesse ano de 1887. O mesmo em que, por sinal, a 1 de Dezembro, D. Luís atribui à casa Leitão & Irmão o título de “Joalheiros da Coroa”, continuando a ser a escolha da Casa Real para a criação de presentes a familiares, amigos e personalidades, e tendo a rainha D. Maria Pia como

Parceiro Leitão & Irmão

outra entusiasta e fiel cliente, ao assumir um papel determinante na aquisição de inúmeros objectos utilitários e decorativos, em prata e em ouro, na sua maioria de requinte e sobriedade, reveladores de uma preferência pela estética do *neo-rocaille*.

Em 1889, são inauguradas novas e modernas oficinas em Lisboa, no Bairro Alto, as quais passaram a integrar os vários ofícios ligados à criação e à indústria da ourivesaria e joalharia num mesmo espaço. Entretanto, já na terceira geração, Jaime de Castro Leitão toma conta da casa: tendo estudado em Paris, onde conviveu com os grandes artistas da “Belle Époque”, desenha, com René Lalique, diferentes peças, entre as quais um faqueiro de prata, registado em 1917, que se mantém em produção até aos dias de hoje. Pelo meio, e até ao presente, é criado um lote absolutamente notável de peças exclusivas, repletas de história e destinadas a celebrar os mais variados tipos de momentos, sempre carregados de simbolismo, e nas mais distintas áreas.

PRIVILÉGIO RARO

Além das suas lojas em Lisboa, no Bairro Alto e no Chiado, e no Estoril, nas Arcadas do Parque, abertas ao público em geral, e onde qualquer um pode observar de perto a excelência das suas criações, a Leitão & Irmão possui umas instalações muito especiais, também localizadas no Bairro Alto, de onde saem as peças produzidas pelos seus, mais do que artesãos, artistas. Trata-se das oficinas, um espaço a que (muito) poucos têm acesso, para além daqueles que lá laboram, e que a Hippocampus teve o privilégio de visitar, para dá-lo a conhecer aos seus leitores, para tal contando com a orientação do melhor dos guias, Jorge Leitão, sucessor dos fundadores e actual responsável máximo pela empresa.

Construídas no pátio de um pequeno palacete, as oficinas estão instaladas no único edifício em Portugal, erigido em 1870, concebido especificamente para ser oficina de ourives e que ainda subsiste. Olhando para as fotografias de há quase século e meio atrás e para a fachada actual, percebe-se que, por fora, quase nada mudou, e o mesmo acontece, de algum modo, no interior, onde se respira uma atmosfera única e o tempo parece ter ficado suspenso. Foi aqui que, em finais do século XIX, se instalaram grandes artistas prateiros que até então trabalhavam





em oficinas de “vão de escada”, um pouco por toda a Lisboa, com os modernos meios de fabrico e condições de trabalho a darem um contributo determinante para a manufatura de peças de excepção. Em 1981, as oficinas de joalharia, originalmente localizadas no primeiro andar da loja do Chiado, foram integradas na oficina do Bairro Alto.

Dos cerca de cinquenta colaboradores que a Leitão & Irmão hoje integra, cerca de vinte trabalham nas oficinas (estando cerca de dez dedicados às lojas e os restantes a tarefas administrativas e de gestão). Regra geral, no piso térreo são produzidas as peças em prata, no primeiro andar as manufaturadas em ouro, pese embora possam existir

excepções, ditadas pela especificidade de cada qual, e das técnicas aplicadas na respectiva execução. Indesmentível é que toda a elegância e requinte das peças aqui criadas não permite sequer suspeitar que este é um trabalho extremamente árduo, que exige um extremamente elevado nível de competência, atenção, precisão e dedicação de todos os artífices.

Contudo, aqui, os processos mais tradicionais andam de mãos dadas com as mais modernas, por vezes pioneiras, soluções e técnicas de design e fabrico – e assim tem sido ao longo de praticamente dois séculos. Prova disso mesmo, o próprio troféu destinado ao Mirpuri Foundation Sailing Trophy,

criado pela Leitão & Irmão para premiar os vencedores da regata internacional instituída em 2020 pelo Clube Naval de Cascais e pela Mirpuri Foundation. Um troféu perpétuo, que teve a sua primeira materialização num molde em latão, seguidamente sendo construído em tamanho real através de impressão em 3D em plástico, pelo que só depois, e após aprovação por parte do cliente, foi criada a versão final e definitiva deste galardão perpétuo. Outra das suas particularidades é poder ser considerado como um troféu “vivo”, uma vez que vai crescendo com o tempo, dado que a peanha, integralmente construída em prata, recebe um novo anel na base, sucessivamente mais largo, sempre que o anterior está totalmente preenchido com os nomes dos vencedores, tornando-o progressivamente mais alto e mais largo.

Percorrer as oficinas, e observar, *in loco*, a execução de peças de fino recorte estético, inefável elegância e extraordinária complexidade é um verdadeiro deleite para a vista. Sejam aquelas que há muito compõem o catálogo da Leitão & Irmão, as criadas especificamente para celebrar determinado momento ou feito, ou as encomendadas propositadamente pelos seus clientes. Sendo que todas têm em comum um atributo fundamental: a originalidade, dado ser condição *sine qua non* da casa não executar cópias seja do que for.

A LIGAÇÃO AO MAR

Muito por “culpa” de Jorge Leitão, a Leitão & Irmão possui hoje uma forte ligação ao mar e às actividades náuticas, desde logo pelos troféus produzidos para o CNC. Mas não só. À frente dos destinos da empresa, e totalmente centrado nesse seu desiderato desde que para a mesma entrou, há 42 anos, então com 21 anos de idade, Jorge Leitão é filho de um velejador, e começou, ele próprio, a velejar no CNCascais quanto tinha apenas seis anos. Uma figura tão afável e cordial, quanto carismática e apaixonada pelo negócio da família, que se define a si próprio de forma bastante curiosa, porém, elucidativa: **“Entrei pela primeira vez para um colégio interno tinha doze anos, andei em três ou quatro, e saí de todos. Depois, andei na ‘Universidade do Tamariz’, onde aprendi línguas e câmbios. E a praticar actividades náuticas: a puxar ski, a fazer ski, a velejar. E, também, a pescar. No pontão do Ta-**



mariz, convivi com príncipes e princesas que por ali andavam, de fato de banho, e muito retirei dessa aprendizagem”.

Homem com uma vasta cultura, foi no início do seu “consulado” à frente da Leitão & Irmão que a casa trouxe de volta a Portugal, em 1983, o Astrolábio Náutico Português, símbolo da XVII Exposição da Arte, Ciência e Cultura. Com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a réplica foi concebida a partir do original existente no Museu de Dundee, na Escócia, o mais bem preservado exemplar que se conhece, e contou com a colaboração de um especialista alemão que também participou na recuperação da Pietá de Miguel Ângelo. A ideia nasceu da intenção de Jorge Leitão relançar e reinventar a empresa, e fazer algo importante também para o seu país. Assim, e por sugestão do Comandante António Estácio dos Reis, do Museu de Marinha, apostou na construção dessa réplica do Astrolábio Náutico Português, porque, na altura não existia nenhum em solo luso. Hoje, Portugal tem a maior colecção do mundo de astrolábios náuticos

portugueses, o que, por si só, será ilustrativo do mérito da iniciativa.

Por contraste, e demonstrativo da atenção dedicada pela Leitão & Irmão ao presente e ao futuro, nas suas mais variadas vertentes, assim como aos distintos factos que marcam a actualidade, o projecto já em curso que visa comemorar os 120 anos do Sport Lisboa e Benfica. Como não podia deixar de ser, o protagonista será uma águia, de cujo original já foi possível ter um pequeno vislumbre, estando prevista a produção de não mais do que 120 exemplares. Só mais um exemplo de que diversificação não é palavra vã para um dos mais tradicionais joalheiros nacionais.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Ao longo do seu historial, a Leitão & Irmão criou diversas peças que ficaram para a história da joalheria portuguesa, e, até, do próprio país. Caso das joias oferecidas, em 1886, pela família real portuguesa à princesa D. Amélia de Orleans, por ocasião do seu casamento com D. Carlos, futuro rei de Portugal, conjunto composto por

um diadema de brilhantes (oferecido por D. Luís), um colar de brilhantes (oferecido por D. Maria Pia), um colar de brilhantes e safiras (escolha de D. Carlos), um par de binóculos em tartaruga, ouro e brilhantes (oferecido pelo Infante D. Afonso) e um pregador de brilhantes (oferecido pelo Infante D. Augusto) – destacando-se o diadema de diamantes usado, em 1995, por D. Isabel, quando do seu casamento com D. Duarte de Bragança.

Em 1887, foi criada a espada de honra em ouro, pedras preciosas e esmalte com que D. Luís, Rei de Portugal, apresentou o imperador Guilherme I da Alemanha, no seu 90º aniversário. Em 1888, D. Luís ofertava a Leão XIII, para a comemoração do Jubileu do sumo pontífice, um cálice que mereceu particular demonstração de agrado por parte do Papa, que com o mesmo celebrou a missa do seu Jubileu. A medalha comemorativa dos 400 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia data de 1989; em 1900, a Baixela Barahona, considerada uma obra-maior da ourivesaria portuguesa, teve o seu desenho e



modelação confiados a Columbano Bordalo Pinheiro, um dos grandes artistas da época.

O Cofre da Cidadania, em prata cinzelada, e com quatro presas de marfim aplicadas sobre a tampa, assentando em quatro rinocerontes e ostentando nas arestas figuras de nativos, oferecido ao príncipe D. Luís Filipe durante a viagem real às colónias portuguesas de África, em 1907, foi manufacturado nas oficinas do Bairro Alto pelas mãos de dois mestres prateiros portugueses: João da Silva, um jovem e promissor cinzelador, aprendiz nas oficinas do Bairro Alto, e posteriormente formado em Paris e Genebra, e Júlio Rodrigues Pinto, chefe da oficina. Já a Taça Brasil foi encomendada pelo rei D. Carlos para oferta ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, no contexto das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros às Nações Amigas.

No ano de 1913, menção para a caravela de prata e ouro oferecida pelos monárquicos portugueses a D. Manuel II, e para as joias que os mesmos ofereceram à princesa

D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen, pelo seu casamento com D. Manuel II em Sigmaringen.

Data de 1939 a Taça de Portugal de futebol em prata cinzelada, que remete para os Descobrimentos, com caravelas cinzeladas em diferentes locais do troféu, destacando-se sobre as caravelas as cinco quinas, estando por cima das asas a esfera armilar, encimada pela cruz de Cristo, referências da portugalidade. Pelo seu lado, a Coroa de Nossa Senhora de Fátima, de 1942, oferta dos portugueses em sinal de gratidão pelos seus filhos terem sido poupados aos dramas da II Grande Guerra, é uma das mais divulgadas joias portuguesas: a coroa, em ouro e pedras preciosas, resultado de uma campanha nacional de ofertas confiadas à casa Leitão, foi trabalhada durante três meses por doze artífices e tem cravadas em ouro 313 pérolas e 2679 pedras preciosas. Quase meio século depois, em 1984, a obra ganhou outro relevo quando o Papa João Paulo II ofereceu a Nossa Senhora de Fátima a bala que o atingiu no atentado de 13 de Maio

de 1981 no Vaticano, a qual encontrou o encaixe perfeito no espaço vazio, deixado na união das oito hastes que constituem a coroa de Rainha.

Em 1981, a Leitão & Irmão reestrutura-se a partir da sua origem industrial: inspirado na visita a Portugal de João Paulo II, iniciou-se a execução do presépio concebido pela escultora Graça Costa Cabral. A rigorosa interpretação plástica da escultora exigiu um processo novo, que produzisse peças sem costuras, soldaduras ou uniões, respeitando a original talhada num só bloco, num processo que fundiu a experiência dos artesãos com a tecnologia de vanguarda.

A propósito da Expo 98, é criada uma colecção de animais marinhos em prata, denominada “Os Grandes Habitantes dos Oceanos”, com a assessoria científica da Universidade de Lisboa, do laboratório marítimo da Guia e do Musée Océanographique du Monaco. Quanto à Baixela Pedro Leitão, de 2004, é um exemplo da associação entre a joalharia e artistas consagrados, e novo símbolo de atualidade. Por proposta do gastrónomo José Bento dos Santos, foi distinguida em Paris com o Prix de l’Art de la Table, atribuído pela Académie Internationale de La Gastronomie.

Peça absolutamente magnífica, o rinoceronte “Rhinocerus 1515” em prata cinzelada, também de 2004, inspirado na xilogravura de Albrecht Dürer, a partir do desenho original de Valentim Fernandes, feito em Lisboa em 1515. Recorde-se que o animal fora oferecido ao Rei D. Manuel I de Portugal pelo Rei de Cambaia, em 1514, tendo chegado a Lisboa no dia 20 de maio de 1515, a bordo da nau N.^a S.^a da Ajuda, após atravessar o Índico e o Atlântico. O mesmo se podendo afirmar do Elefante Hanno, de 2018, uma nova obra da Colecção Excepcional, concebida em prata cinzelada: Hanno foi o elefante branco, mascote do papa Leão X e oferecido por El-Rei D. Manuel, que tê-lo-ia recebido como presente do rei de Cochim, tendo sido enviado de Lisboa a Roma em 1514, com cerca de quatro anos de idade. A sua chegada foi comemorada na poesia e nas belas-artes, e rapidamente se tornou num favorito da corte papal, acabando por ser retratado pelos mais importantes artistas da época, entre eles, Rafael – e foi com base nos esboços destes que se modelou o elefante em prata. ■

A History with future

With almost two centuries of existence, Leitão & Irmão is one of the most reputable Portuguese jewelers, and several of its creations have made history. A company that Clube Naval de Cascais is proud to have as a partner, and in which tradition and the most remote manufacturing techniques are allied to a broad and avant-garde vision, clearly evident in the works that come out of their workshops, which Hippocampus had the rare privilege of visiting

.....



“Leitão & Irmão - Former Crown Jewellers”. A name that, at first glance, seems to say it all. But it doesn’t... As so often happens, what seems to be is not always what is, and what is unseen can be as important, or even more important, than what is more evident. In this case, to all the tradition inherent to one of the most reputable Portuguese jewellers, and that (rightly) is intuited from its commercial name, is allied a, perhaps less obvious and visible at a first glance, permanent focus on the future, on progress, modernity and innovation. And in the most varied domains - from the conception and realization of the final product to the

management, passing through the distribution channels themselves.

But nothing better than to start at the beginning, The origins of Leitão & Irmão, a partner of Clube Naval de Cascais, date back to 1822, when José Pinto Leitão, married in 1837 to the only daughter of José Teixeira da Trindade - distinguished citizen born in Oporto in 1786, and linked to trade with Brazil and the gold business, which maintained close ties with the goldsmith’s industry -, registered the punch (personal brand of manufacture) “JPL” and opened his business in Rua das Flores, the traditional street of the Invicta (as Oporto is known) goldsmiths. The link would

be decisive for the development of Casa Leitão, which was, at the time, defined as follows, and in the Portuguese of the time: **“...the type of establishment at that time was the office-shop, where the clerk worked in full view of the customer, next to the “coffin”, the sales counter beside it. The typical article produced was the “heart”, the “arrecada” (moon-shaped earrings), the cord, the pieces that in the north were taken to the parties, to the sung mass, to the festivities...”**

As early as 1876 the house stood out in the national panorama of goldsmithery. Narciso and Olindo, sons of the founder, continued the business and adopted the name Leitão



& Irmão, while modernizing the manufacturing, bringing new materials and investing in machinery. They also expanded abroad, opening branches in Paris and London, and developed an important network of contacts.

If the connection between the Crown and the Leitão house has its origins in the siege of Oporto (1832/1833), where José Teixeira da Trindade established a private relationship with Pedro IV of Portugal and I of Brazil, it was in 1872 that Pedro II, Emperor of Brazil, granted Leitão & Irmão the title of “Goldsmith of the Imperial House of Brazil”. Five years later, the Lisbon store opens in the cosmopolitan area of Chiado, with Narciso

and José Leitão developing their activity in the capital of the kingdom, benefiting from the proximity to the Crown.

In this period, the two brothers undertook the artistic project of restoring the traditions of Portuguese goldsmithery, marking the respective renewal in the second half of the 19th century. The following year they registered, in the Lisbon Assay Office, the Leitão & Irmão manufacturing mark, composed of the female figure of a sphinx topping the letter “L”, which is still used today, and which is the oldest in force in the Portuguese assay offices, instituted in that year of 1887. The same year in which, by the way, on December

1st King Luís gave Leitão & Irmão the title of “Jewellers of the Crown”, continuing to be the Royal Household’s choice for creating gifts for family members, friends and personalities. Queen D. Maria Pia was another enthusiastic and faithful client, playing a decisive role in the acquisition of numerous silver and gold utilitarian and decorative objects, mostly of refinement and sobriety, revealing a preference for the neo-rocaille aesthetic.

In 1889, new and modern workshops were inaugurated in Lisbon, in Bairro Alto, which began to integrate the various trades related to the creation and industry of goldsmithery and jewellery in the same space. Meanwhile, already in the third generation, Jaime de Castro Leitão takes over the house: having studied in Paris, where he lived with the great artists of the “Belle Époque”, he designs, with René Lalique, different pieces, including a silver cutlery, registered in 1917, which is still in production today. In between, and to the present day, an absolutely remarkable lot of exclusive pieces is created, full of history and destined to celebrate the most varied types of moments, always full of symbolism, and in the most distinct areas.

RARE PRIVILEGE

Besides its stores in Lisbon, in Bairro Alto and Chiado, and in Estoril, in the Arcadas do Parque, open to the general public, and where anyone can closely observe the excellence of its creations, Leitão & Irmão has some very special facilities, also located in Bairro Alto, where the pieces produced by its more than artisans, artists, are produced. These are the workshops, a space to which very few have access, besides those who work there, and which Hippocampus had the privilege of visiting, to make it known to its readers, with the guidance of the best of guides, Jorge Leitão, successor of the founders and current head of the company.

Built in the courtyard of a small palace, the workshops are housed in the only building in Portugal, erected in 1870, designed specifically to be a goldsmith’s workshop and which still stands. Looking at the photos from almost a century and a half ago and at the current facade, one realizes that, on the outside, almost nothing has changed, and the same is true, somehow, inside, where one can breathe a unique atmosphere and time seems to have been suspended. It was here that, at the end of the



19th century, the great silversmith artists who until then worked in “stairwell” workshops were installed, a little all over Lisbon, with modern manufacturing means and working conditions making a decisive contribution to the manufacturing of exceptional pieces. In 1981, the jewelry workshops, originally located on the second floor of the Chiado store, were integrated into the Bairro Alto workshop.

Of the approximately fifty people who work at Leitão & Irmão today, about twenty work in the workshops (about ten are dedicated to the stores and the rest to administrative and management tasks). As a general rule, the silver pieces are produced on the first floor, and the gold ones on the second floor, although there may be exceptions, dictated by the specificity of each one, and the techniques applied in their execution. Undeniably, all the elegance and refinement of the pieces created here does not even allow one to suspect that this is extremely hard work, which requires an extremely high level of competence, attention, precision and dedication of all craftsmen.

However, here, the most traditional processes go hand in hand with the most modern, sometimes pioneering, design and manufacturing solutions and techniques - and this has been the case for practically two centuries. Proof of this is the trophy for the Mirpuri Foundation Sailing Trophy, created by Leitão & Irmão to reward the winners of the international regatta

instituted in 2020 by Clube Naval de Cascais and the Mirpuri Foundation. A perpetual trophy, which had its first materialization in a brass mold, then being built in real size through 3D printing in plastic, so that only later, and after approval by the client, was created the final and definitive version of this perpetual award. Another of its particularities is that it can be considered a “living” trophy, since it grows over time, since the handle, entirely made of silver, receives a new ring at the base, successively wider, whenever the previous one is completely filled with the names of the winners, making it progressively higher and wider.

To walk through the workshops and observe, in loco, the execution of pieces of fine aesthetic cut, ineffable elegance and extraordinary complexity is a real treat for the eyes. Whether they are pieces that have long been part of the Leitão & Irmão catalogue, those created specifically to celebrate a particular moment or achievement, or those ordered on purpose by clients. All of them have in common a fundamental attribute: originality, since it is a sine qua non condition that the house does not make copies of anything.

THE CONNECTION TO THE SEA

Leitão & Irmão has today a strong connection to the sea and nautical activities, mainly due to the trophies produced for the CNC. But not

only. Jorge Leitão is the son of a sailor, and he himself began sailing with CNC Cascais when he was only six years old. A figure as affable and cordial as he is charismatic and passionate about the family business, he defines himself in a very curious, yet enlightening way: **“I first entered a boarding school when I was twelve years old, went to three or four, and left them all. Then I went to the ‘University of Tamariz’, where I learned languages and foreign exchange. And to practice nautical activities: ski pulling, skiing, sailing. And, also, fishing. On the Tamariz pier, I met princes and princesses who walked around in their swimsuits, and I got a lot out of that learning experience”.**

A man with a vast cultural background, it was at the beginning of his “consulate” as head of Leitão & Irmão that the company brought back to Portugal, in 1983, the Portuguese Nautical Astrolabe, the symbol of the XVII Art, Science and Culture Exhibition. With the support of the Calouste Gulbenkian Foundation, the replica was conceived based on the original existing in the Dundee Museum in Scotland, the best preserved example known, and counted on the collaboration of a German specialist who also collaborated in the recovery of Michelangelo’s Pietá. The idea was born from Jorge Leitão’s intention to relaunch and reinvent the company, and to do something important for his country as well. At the

suggestion of Commander António Estácio dos Reis of the Navy Museum, he decided to build a replica of the Portuguese Nautical Astrolabe, since none existed on Portuguese soil at the time. Today, Portugal has the largest collection of Portuguese nautical astrolabes in the world, which in itself illustrates the initiative's merit.

By contrast, and demonstrating Leitão & Irmão's attention to the present and the future, in its various aspects, as well as to the different facts that mark the present time, is the project already underway to commemorate the 120th anniversary of Sport Lisboa e Benfica. As it could not be any other way, the main character will be an eagle, of which it has already been possible to have a glimpse, with the production of no more than 120 copies. Just another example that diversification is not an empty word for one of the most traditional national jewellers.

PAST, PRESENT AND FUTURE

Throughout its history, Leitão & Irmão created several pieces that went down in the history of Portuguese jewellery, and even of the country itself. In 1886, the Portuguese royal family offered jewels to princess D. Amélia of Orléans, on the occasion of her marriage to D. Carlos, future king of Portugal. The set was composed of a diadem of brilliants (offered by D. Luís), a necklace of brilliants (offered by D. Maria Pia), a necklace of brilliants and sapphires (choice of D. Carlos), a pair of binoculars in tortoiseshell, gold and brilliants (offered by D. Afonso) and a brooch in brilliants (offered by D. Augusto) - with highlight to the diamond diadem worn, in 1995, by D. Isabel, on the occasion of her marriage to D. Duarte of Bragança.

In 1887, the sword of honour was created in gold, precious stones and enamel with which Dom Luís, King of Portugal, presented Emperor William I of Germany on his 90th birthday. In 1888 King Dom Luís offered Leo XIII a chalice to commemorate the Jubilee of the Supreme Pontiff. The Pope was particularly pleased with this chalice when he celebrated his Jubilee Mass with it. The medal commemorating the 400th anniversary of the arrival of Vasco da Gama to India dates from 1989; in 1900, the Baixela Barahona, considered a major work of Portuguese goldsmithery, was designed and modelled by Columbano Bordalo Pinheiro, one of the



great artists of the time.

The Citizenship Vault, in chiselled silver, and with four ivory tusks applied to the lid, resting on four rhinoceroses and bearing on its edges figures of natives, offered to Prince D. Luís Filipe during the royal trip to the Portuguese colonies in Africa in 1907, was made in the Bairro Alto workshops by two Portuguese silversmiths: João da Silva, a young and promising chiseller, apprenticed in the Bairro Alto workshops, and later trained in Paris and Geneva, and Júlio Rodrigues Pinto, head of the workshop. The Brazil Cup was commissioned by King Dom Carlos to be offered to the President of the Republic of the United States of Brazil, as part of the celebrations of the Centenary of the Opening of Brazilian Ports to Friendly Nations.

In 1913, mention should be made of the silver and gold caravel given by the Portuguese monarchists to Dom Manuel II, and the jewels they gave to the Princess Augusta Victoria of Hohenzollern-Sigmaringen, for her marriage to Dom Manuel II in Sigmaringen.

The chiselled silver Portuguese Football Cup dates back to 1939, which refers to the Discoveries, with caravels chiselled in different parts of the trophy, with the five corners on the caravels, and the armillary sphere above the wings, topped by the cross of Christ, references to Portugal. On the other hand, the Crown of Our Lady of Fátima, from 1942, offered by the Portuguese as a sign of gratitude for their children having been spared the tragedies of World War II, is one of the most popular Portuguese jewels: the crown, in gold and precious stones, the result of a national campaign of gifts entrusted to Casa Leitão, was worked for three months by twelve craftsmen and has 313 pearls and 2679 precious stones set in gold. Almost half a century later, in 1984, the work gained another relevance

when Pope John Paul II offered Our Lady of Fatima the bullet that hit him in the attempt on 13 May 1981 in the Vatican, which found the perfect fit in the empty space left at the junction of the eight rods that make up the Queen's crown.

In 1981 Leitão & Irmão restructures from its industrial origins: inspired by John Paul II's visit to Portugal, the production of the Nativity scene designed by sculptor Graça Costa Cabral begins. The sculptor's rigorous plastic interpretation required a new process, which produced pieces without seams, welds or joints, respecting the original carved in a single block, in a process that merged the experience of craftsmen with cutting-edge technology.

On the occasion of Expo 98, a collection of silver marine animals was created, called "The Great Inhabitants of the Oceans", with the scientific advice of the University of Lisbon, the Guia marine laboratory and the Musée Océanographique du Monaco. As for the Pedro Leitão Baixela, from 2004, it is an example of the association between jewellery and renowned artists, and a new symbol of modernity. On a proposal by the gastronome José Bento dos Santos, it was awarded the Prix de l'Art de la Table in Paris by the Academie Internationale de la Gastronomie.

An absolutely magnificent piece, the "Rhinoceros 1515" in chiselled silver, also from 2004, inspired by Albrecht Dürer's woodcut, from the original drawing by Valentim Fernandes, made in Lisbon in 1515. It should be remembered that the animal was offered to King Manuel I of Portugal by the King of Cambay in 1514, and arrived in Lisbon on 20th May 1515, aboard the ship N.^a S.^a da Ajuda, after crossing the Indian Ocean and the Atlantic. The same can be said of the Hanno Elephant, from 2018, a new work from the Exceptional Collection, designed in chiselled silver: Hanno was the white elephant, Pope Leo X's mascot and offered by King D. Manuel, who would have received it as a gift from the King of Cochín, having been sent from Lisbon to Rome in 1514, aged around four. His arrival was celebrated in poetry and the fine arts, and quickly became a favourite of the papal court, eventually being depicted by the most important artists of the time, including Raphael - and it was on the basis of their sketches that the silver elephant was modelled. ■